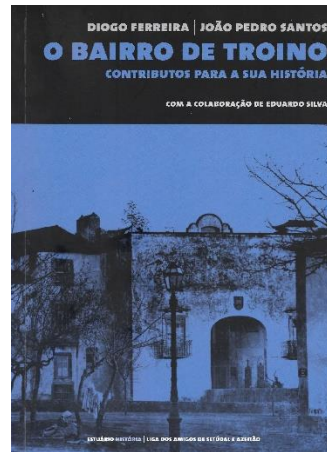


RECENSÃO CRÍTICA



FERREIRA, Diogo; SANTOS, João Pedro (2020). *O Bairro de Troino - Contributos para a sua história*. Setúbal: Estuário / Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão

JOÃO REIS RIBEIRO

LASA - Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão

jasrribeiro@gmail.com

História e memória(s) do Bairro de Troino: uma narrativa (do) local

Em 10 de Janeiro de 1867, no *Distrito de Évora*, Eça de Queirós escrevia: “Na história, o povo deve ser tudo; as individualidades, pouco.” E justificava: “O que nós queremos saber é o espírito das gerações. O que a nossa curiosidade pede é ver como o passado compreendeu as coisas vitais da humanidade: a família, o trabalho, a educação, as instituições.” A questão relacionava-se com aquilo que era (é) designado por “história oficial”, versão de que Eça convidava a desconfiar.

A tirada queirosiana é bom pretexto para se falar do recente livro de história local dedicado a Setúbal, *O Bairro de Troino - Contributos para a sua História*, assinado pelos historiadores Diogo Ferreira e João Pedro Santos e pelo “troineiro” Eduardo Silva, que também patrocinou a edição.

A obra, fortemente ilustrada e sobre um acervo bibliográfico vasto, assenta em dois vectores: o primeiro, de investigação histórica, em cinco capítulos, apresenta a narrativa do bairro desde a origem toponímica, passando pela sua ligação e inserção na urbe, pela estrutura

social, por episódios da resistência política do século XX e pelo património construído, e tem a assinatura de Diogo Ferreira e de João Santos; o segundo, de cunho eminentemente memorialístico, assente numa visão emotiva e vivida, traz o testemunho de Eduardo Silva, nascido no bairro no final da década de 1930.

O leitor pode assistir à evolução e papel daquele território na construção da cidade, desde o tempo em que era considerado um espaço mais ou menos marginal e periférico, de arrabalde, até ao momento em que se impôs como espaço privilegiado de uma comunidade ligada à pesca, chegando à identidade administrativa de freguesia, desenvolvendo-se industrial e comercialmente. Interessante se torna visualizar o “caleidoscópio social” (formado a partir de um crescimento demográfico assinalável, a que não faltou o fenómeno migratório), abordando as áreas profissionais predominantes e a sua identidade e organização: a indústria do mar (o pescador e a sua comunidade, condições de vida, operariado conserveiro, construção naval - havendo espaço para um dos autores homenagear um seu antepassado que na construção de embarcações se destacou), o pequeno comércio (com destaque para a mercearia “Confiança”, hoje recuperada e funcionando como

mostra musealizada, ou para espaços de convívio como os cafés, alcançando particular interesse testemunhal e evocativo o texto sobre os matraquilhos na “Taberna do Luciano”, devido a Paulo Anjos), a religiosidade (presente no historial e registo de vivências da festa de Nossa Senhora da Arrábida), a habitabilidade (condições de higiene e salubridade e efeitos de catástrofe - terramotos de 1755 e de 1858 e surto de tifo por 1880).

Igualmente importante é o capítulo dedicado àqueles que foram incomodados por defenderem mudanças e ideias, sempre com a perseguição policial no seu encaço: de grevistas ou libertários a revolucionários ou heróis, os seus nomes saltam de uma consciência de classe e de humanidade com a qual nem sempre o poder concordou (dizimando-os, por vezes), bastando lembrar nomes mais icónicos para Setúbal como Mariana Torres ou Jaime Rebelo. Pela zona de Troino passaram momentos mais agudos de intervenção como o descontentamento social a seguir à implantação da República, o envolvimento na candidatura de Norton de Matos depois da II Grande Guerra ou a permanente sombra da PVDE.

Sobre o património arquitetónico, percebe-se que a Anunciada (freguesia a que pertence Troino) é rica de história e detém marcos que

configuram a identidade setubalense, haja em vista referências como a igreja da Anunciada, a Fonte Nova, o Convento de Jesus, a Casa dos Pescadores ou o Orfanato Municipal, entre outros, em descrições que englobam a história e as histórias associadas a património civil, religioso, de utilidade pública ou de memória.

Finalmente, a escrita mais memorialística de Eduardo Silva percorre muitos dos aspectos que forjaram a infância e juventude do autor, indiciando forte ligação ao bairro - por ali passa um sentido de pertença muito visível, a informação toponímica, os jogos infantis, alguns naturais do bairro que se têm destacado em diversas áreas, bem como diversas profissões entretanto desaparecidas.

Esta obra consegue aliar o rigor da investigação histórica e o cunho memorialístico - por um lado, num bosquejo e análise do que existe em anteriores investigações, dando-lhes continuidade e mostrando novas histórias (sobretudo no tempo do século XX), sempre na pauta do rigor esperado e do confronto com documentos e testemunhos; por outro lado, num percurso pelas lembranças e experiência de vida de um “troineiro”, evocando o seu tempo no bairro e os hábitos que o formaram, as relações sociais e as marcas do quotidiano, molduras das paisagens urbana e humana.

Pode assim o leitor caminhar entre a verdade documental e a não menor verdade das emoções, numa leitura acessível que, inevitavelmente, o aproxima e o insere no mundo e no local de que se fala.

Nota biográfica:

João Reis Ribeiro é professor do ensino secundário. Mestre em literatura portuguesa. Autor de várias obras ligadas à história local. Colaboração na imprensa regional e na blogosfera. Responsável pela edição anotada do *Diário*, de Sebastião da Gama. Integra as direções da Associação Cultural Sebastião da Gama e da Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão.